

Entre Lugares: aprender a ensinar História na complexidade contemporânea.

Patrícia Cerqueira dos Santos<sup>1</sup>

Resumo: Este trabalho é fruto de um exercício de reflexão sobre o fazer-se docente, esquadrihada numa relação dialógica entre saberes escolares e saberes acadêmicos. O objetivo é de compartilhar mais uma etapa desta experiência de compreender o significado de ser professora e de aprender como ensinar história na complexidade da escola pública contemporânea paulista. A partir de setembro de 2004, quando passei a integrar o conselho consultivo da ANPUH-SP, comecei a entrelaçar a atuação individual e social, nas discussões sobre o ensino de história. Mesmo não tendo sido eleita pelos meus pares, pois a participação de professores da educação básica na assembleia do encontro regional ainda é pequena, fiz o esforço de contribuir na realização das oficinas de ensino da história, coordenadas pelo GT de Ensino do núcleo de São Paulo. Como participante dos encontros regionais e nacionais da ANPUH, foi possível aprender a lidar melhor com as questões relativas ao ensino de história no que compreende o currículo, a formação inicial e continuada daquele/daquela que se compromete com a docência no universo escolar. Esta troca de saberes tem contribuído imensamente para a formação continuada da participante, para a melhoria da qualidade das aulas e para elevação do envolvimento dos discentes com a disciplina de história. Por meio da participação nas oficinas da ANPUH-SP veio o convite para fazer parte PIBID (Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) no subprojeto sobre História e Cultura Indígena na Escola, elevando minha autoestima, trazendo outro olhar da diretoria de ensino para a escola e fortalecendo a prerrogativa de que as dificuldades do exercício do nosso ofício não podem demolir as bases de nossa capacidade de articulação e de saber fazer escolhas. Enfim, o valor imensurável da participação para a professora como indivíduo e, em consequência, o mundo social dos estudantes e da escola de atuação alerta para a necessidade de desenvolvimento de mecanismos de

---

<sup>1</sup> \* Professora de História da Rede Pública Estadual de Ensino de São Paulo – EE Joiti Hirata. Diretoria de Ensino SUL 2 e na Rede Municipal de Ensino – EMEF Prof. Jorge Americano. DRE Campo Limpo. Professora supervisora no PIBID – Subprojeto – História Indígena na Escola./FFLCH-USP.

expansão desta experiência para beneficiar ainda mais os diferentes sujeitos inseridos no contexto escolar.

*(...) nos meus encontros individuais ou coletivos com professores, eu tinha a impressão de que eles davam descrições exageradamente difíceis da relação pedagógica. Eles insistiam muito sobre as dificuldades da profissão, a impossibilidade de trabalhar, a queda de nível dos alunos, etc.(DUBET,1997,p.6)*

...

*Resgatar histórias de vida permite voos bem amplos. Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados, como as pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de imaginação, de luta, de acatamento, de resistência, de resignação e criação (VASCONCELOS, 2003, p.9)*

As epígrafes acima colaboram para a iniciação desta escrita por trazer elementos recorrentes nas discussões sobre formação e práticas dos professores na educação básica. Na primeira epígrafe, retirada entrevista com o sociólogo François Dubet, intitulada “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor”, publicada em 1997 na Revista Brasileira de Educação, me senti entre lugares, ao me identificar com a professora que escreveu para Dubet, criticando-o por ter uma visão abstrata dos problemas que afligem os professores por ser um “intelectual” que não tinha lecionado na escola pública. Depois, ao lembrar argumentos que meus colegas de trabalho utilizam para enfatizarem como é árduo o exercício da profissão, e que diante destas dificuldades, em especial com os estudantes que não sabem como devem se comportar na escola, sua prática se torna impossível, me identifiquei com Dubet. Na segunda epígrafe, extraída do artigo da pesquisadora Geni A. Nader Vasconcelos intitulado “Puxando um fio...”, publicado em 2003 no livro Como me fiz professora, organizado pela autora, a começar pelo título já me senti em diálogo com as autoras/os autores. As

escritas ganharam sonoridade, foi como se eu estivesse conversando pessoalmente com Dubet e Vasconcelos, sobre os desafios da profissão, que ainda são similares, em tempo e lugar. Passei a rememorar minha trajetória como professora da educação básica paulista desde 1992. Como me fiz, me refiz e tenho me tornado professora de história diante dos dilemas colocados pela complexidade da escola contemporânea. Neste trabalho, tentarei dialogar por meio da experiência adquirida em sala de aula com estudantes, por meio da intervenção no currículo na seleção dos conteúdos para o ensino da história no ensino médio e fora da sala de aula, levando para o diálogo com os acadêmicos, questões do universo da escola e do ensino de história, investindo assim na construção de minha formação continuada.

Neste processo de rever o caminho que tenho trilhado, construindo sentidos para o que realizo, revisitei os relatos de experiências que apresentei em encontros da ANPUH – regional e nacional - e percebi que o fio que continua a conduzir o trabalho dentro e fora da escola, é permeado das questões relativas ao currículo (o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e os significados do que ensino) e a formação continuada (o que aprendemos no curso de formação inicial, quando muito, nos instrumentaliza para a busca de soluções para os desafios que a prática nos coloca). O que nos modifica é a busca de alternativas para lidarmos com a falta de recurso nas escolas, com a descrença dos estudantes como ensino e a escola e dos colegas com a profissão e com o seu papel dentro da estrutura caótica da escola pública.

Em 2006, *Ressonâncias: ANPUH-SP e Professores do Ensino Médio Compartilhando Experiências na Mobilização e Formação do Professor de História*. Em 2007, “Só para inglês ver? O Desafio Curricular do Ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira”. Em 2009, “Aula Qualitativa X Aula Quantitativa na Aplicação da Nova Proposta Curricular de História imposta aos Professores da Rede Pública Estadual de São Paulo”. Em 2010 “Uma Experiência de Aprender & Ensinar História na Escola Estadual de São Paulo”. Nestes momentos e espaços procurei através da minha própria história, em meio à vulnerabilidade, dialogar a partir do saber escolar com o saber acadêmico, sem hierarquizações.

Quando o professor se torna viabilizador do currículo escolar? Quando que ele se sente sujeito ativo na implementação do currículo? Quando que ele se sente construtor de conhecimento, professor-pesquisador de sua própria prática? O ato de elaborar e entregar impresso por parte do Estado em suas diferentes esferas, propostas ou orientações curriculares e outros documentos com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem escolar, não são suficientes para que isto ocorra. Para que currículo escolar se efetive, este carece, em primeira instância, de ser entendido e assimilado pelo seu principal viabilizador, *o professor*.

No árduo e contínuo exercício de se tornar professora, interrogações foram se fazendo presentes em minha prática pedagógica. Fiz o esforço de passar de reprodutora de conhecimentos, produzidos também a partir da escola, mas sistematizados, relidos e reinterpretados, em grande parte, por outros e fora dela, para leitora crítica do meu ofício na escola pública contemporânea por meio do ensino da História.

A auscultação em 2008, dos argumentos de protestos e de aceitação do novo currículo, foi salutar e suscitou sentimentos distintos. O currículo apostilado que pretendia ditar a fórmula e o ritmo do trabalho em sala de aula mexeu com o sentido de autonomia da escola e dos professores na seleção de conteúdos e metodologias adequadas a realidade de cada escola, desrespeitando o tempo de aprendizagem dos indivíduos e desestimulando a efetiva participação dos diferentes sujeitos escolares em sua efetiva implementação.

Particpei de encontros promovidos por diferentes entidades, como APEOESP (Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo) e pela ANPUH-SP (Associação Nacional dos Professores de História – Seção São Paulo) para discutir o novo currículo. Havia uma forte aceitação do currículo apostilado, entre aqueles que estavam submetidos a longas jornadas de trabalho. Na ausência de tempo para preparação das aulas, o novo formato curricular atendia a sua necessidade e nos dias atuais, com quatro anos de existência, o currículo apostilado passou a ser o principal material didático para professores enquadrados na categoria de contratos temporários. A gestão escolar, frente às pressões impostas pela secretaria estadual de educação que criou mecanismos próprios para medir o índice de aprendizagem dos estudantes e o trabalho das escolas,

por meio do SARESP e IDESP<sup>2</sup>, acabam por transferir tais pressões em âmbito local, quando impõem a utilização dos cadernos pelos professores e professoras, com o argumento de que está tudo pronto, é só seguir, aplicar, na prova externa cobra-se o mesmo conteúdo, e como em um passe de mágica, tudo parece estar resolvido.

Para outros o novo currículo exige um maior preparo do/a professor/a, pois alguns conteúdos, exercícios e metodologias são desconhecidos, necessitando estudar. Há também o grupo dos indiferentes. Para estes trata-se de mais um modismo, mais uma iniciativa de um programa de governo que uma política de educação e por fim, a leva dos descontentes, que não aceitaram a imposição curricular e continuam fazendo o que já faziam.

Tomei a postura de entender o currículo e sua lógica de organização e funcionalidade em profundidade intensificando minha presença nas Oficinas de Ensino de História promovidas pela ANPUH – Seção São Paulo. Levando para as reuniões as demandas do currículo que necessitavam ser enfrentadas em situação de aula, convidando professores/as para o debate com outros professores que atuavam na rede e na universidade e escrevendo sobre minha experiência, outro olhar para o currículo e a prática docente foi construído.

Coloquei para mim o desafio de ser “*professora –pesquisadora*”, quando resolvi em 2008 e 2009 aplicar o currículo seguindo religiosamente todas as orientações da proposta curricular, através do uso do caderno do professor e do aluno, uma espécie de guia, onde estavam disponibilizadas todas as sequencias didáticas, agrupadas por situações de aprendizagem, com os exercícios e avaliação definidos. Em 2010 e 2011, comecei a introduzir algumas modificações na seleção dos conteúdos, na didática das aulas e propondo outros exercícios para algumas situações de aprendizagem.

Assim, procurei aprender como ensinar história no contexto escolar em que estou inserida, preocupada na promoção da aprendizagem e o sucesso escolar dos jovens estudantes por meio de um currículo que faça sentido ainda se apresentou como um desafio.

---

<sup>2</sup> SARESP – Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo e IDESP – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica do Estado de São Paulo. São utilizados, inclusive, para oferecer bônus anualmente aos integrantes do quadro do magistério.

Em 2012, mais familiarizada com o currículo, optei por intervir no currículo, que consistiu em uma seleção e reorganização dos conteúdos distribuídos em quatro bimestres, tendo como referencial, o currículo oficial, outorgado em 2008. O público alvo foram os estudantes da 3º ano do Ensino Médio da EE Joiti Hirata situada na periferia da zona sul da cidade de São Paulo. Situada à Rua Luar do Sertão, 165 – Parque Independência, entre o bairro do Capão Redondo e o município de Itapeverica da Serra-SP. A escola foi criada em 1978 e passou a abrigar o ensino médio em 1995. Na atualidade a escola é composta por cerca de 1.800 estudantes matriculados no ensino regular, ciclo I e II do ensino fundamental e médio. Lecionam aproximadamente 80 professores, destes 33 são efetivos. A equipe gestora é composta por 7 professoras, designadas para as funções de direção, vice-direção e coordenação pedagógica. Os serviços gerais, incluindo atendimento da secretaria é feito por um total de 17 funcionários, sendo 4 destes terceirizados. A escola em seu espaço físico possui 16 salas de aula utilizadas em no período da manhã e da tarde. No período da noite, são utilizadas 9 salas. Existe uma sala de leitura, uma sala de informática e uma sala de vídeo. Depois de três anos sem a utilização da quadra de esportes devido à obra de construção da escola vizinha, os alunos neste ano voltaram à prática da educação física. No Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) o ensino médio aparece em 52ª posição no ranking da diretoria de ensino sul2. No IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) em 2011, apesar do crescimento na média, ainda estamos abaixo da média esperada. No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) somamos de 511 pontos, segundo dados de 2011. A evasão e a repetência ainda fazem parte da realidade de nossa escola. Diante destas estatísticas a proposta foi a de intervir diretamente no currículo de modo a favorecer o sucesso escolar.

A partir da problematização contemporânea de questões históricas por meio do eixo temático “Movimentos e Lutas Sociais na nova República”, iniciei minha intervenção. Como ação pedagógica para o desenvolvimento do eixo temático foi contemplados além dos exercícios de pesquisa e seminários; a introdução da prática de estudo do meio, ausente no direcionamento do currículo; a adequação de atividades e instrumentos de avaliação da aprendizagem, como o caderno de bordo, foram promotores de

informações para que os estudantes fossem orientados na construção de saberes, significados e sentidos frente ao conhecimento histórico que lhes foram apresentados. Como trabalho de conclusão do projeto, foi solicitado aos estudantes que apresentassem suas considerações utilizando uma tecnologia contemporânea de comunicação.

Os indícios para elaboração do plano de ensino começaram a aparecer a partir das notícias publicadas em novembro de 2011 sobre a Comissão Nacional da Verdade, que apuraria a violação dos direitos humanos no Brasil de 1946-1988, período que abarca a ditadura militar de 1964-1985. O filme *Quase Dois Irmãos* (2004) de Lucia Murat despertaram ainda mais meu interesse para promover um estudo sobre este período e a reportagem publicada no *Jornal Folha de São Paulo* em fevereiro de 2012 a partir da entrevista com o fotógrafo Silvaldo Leung Vieira, autor da imagem do jornalista Wladimir Herzog morto em 1975, me levou a visitar o Memorial da Resistência de São Paulo e a exposição *Lugares da Memória: Resistência e Repressão em São Paulo* aguçaram ainda mais a de intervir no programa de curso estabelecido. Um olhar mais atento para o bairro e a constatação de que havia nos arredores duas escolas, sendo uma municipal destinada ao ensino fundamental I - Herbert de Souza (Betinho) e outra estadual Margarida Maria Alves destinada ao Ensino Fundamental II e Médio e na proximidade com o bairro do Valo Velho o Parque Santo Dias. Estes espaços públicos com nomes de personalidades conhecidas por sua atuação na luta pelos direitos humanos, civis, trabalhistas e na luta contra fome se uniam às lutas de anônimos por tantos outros direitos negligenciados aos moradores das periferias das cidades, como o direito à moradia. O contexto histórico em que emergiram as atuações destes sujeitos sociais, talvez não pudesse ser estudado com profundidade, se seguissemos a ordem da distribuição dos conteúdos no currículo apostilado da escola pública estadual paulista que versam sobre este passado que precisa ser constantemente revisitado a partir das questões colocadas pelo presente. Voltei minhas leituras para o texto básico do currículo encontrando a legalidade para as intervenções expressa no documento onde afirmava que:

*nunca é demais insistir que, para ensinar História e despertar nos alunos o gosto por essa disciplina, é preciso gostar de História. Só gostando é possível chegar à constituição de ambientes escolares marcados pela reflexão e animados pelo debate participativo (Proposta Curricular, 2008)*

A experiência contribuiu para a aquisição de saberes plurais, tecidos ao longo de minha formação, salienta a premissa de que gostar do campo da ciência na qual escolhemos atuar não são suficientes para a constituição de ambientes promotores de aprendizagens. As demandas do ofício que escolhemos requerem investimentos de distintas ordens, que deve começar pelo investimento na formação inicial e continuada do docente, considerando na cultura escolar, também a força dos documentos oficiais,

*(...), porém é preciso frisar aqui que nada do que for oferecido nestes materiais terá o caráter **imperativo** de instruções **normativas**, a serem aplicadas à força pelos professores. Ao contrário, o que se sugere é que cada docente siga seu próprio caminho, aplicando, a seu modo, as **sugestões** que são oferecidas (Proposta Curricular, 2008)*

Tomando as expressões como sugestão, orientação, proposta e não como imposição ou normatização, outros sentidos foram despertados. Percebi que havia espaço para a retomada de minha autonomia e que poderia continuar sendo exercida, contrariando o que se ventila sobre o papel do professor frente às políticas educacionais. E reafirmando o indicativo de que não basta gostar de História para ter e promover a produção de conhecimento em história em situação de ensino escolar.

Nesta nova perspectiva de abordagem do currículo, a história ensinada por eixo temático se colocou com uma necessidade. Partindo das problemáticas do tempo presente que nos motivam, nos colocam em movimento, e nos remete ao passado, na busca por explicações que nos permitam, entre outras coisas, compreender o vivido cotidianamente é que iniciamos nosso trabalho.

Estes são os conteúdos indicados no currículo oficial para a disciplina de história. Distribuídos bimestralmente: 1º) Imperialismo: a crítica de suas justificativas (cientificismo, evolucionismo e racialismo); Conflitos imperialistas e a I Guerra

Mundial Revolução Russa e o stalinismo; Totalitarismo: os regimes nazifascistas. 2º) A crise econômica de 1929 e seus efeitos mundiais; A Guerra Civil Espanhola; II Guerra Mundial; O período Vargas. 3º) O mundo pós-Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria; Movimentos sociais e políticos na América Latina e no Brasil nas décadas de 1950 e 1960; A Guerra Fria e os golpes militares no Brasil e na América Latina. 4º) Manifestações Culturais de resistência aos governos autoritários nas décadas de 1960 e 1970; O papel da sociedade civil e dos movimentos sociais na luta pela redemocratização brasileira. O movimento pelas “Diretas Já”; A emergência dos movimentos de defesa dos direitos civis no Brasil contemporâneo, diferentes contribuições: gênero, etnia e religiões; Fim da Guerra Fria e a Nova Ordem Mundial. Com duas aulas semanais de cinquenta minutos, a execução destes conteúdos, que não rompem com a lógica de organização evolutiva, dificilmente, faria o professor escapar das sínteses ou resumos e os estudantes das cópias e memorização dos conteúdos.

A intervenção no currículo nasceu da necessidade de estabelecer uma relação entre os conteúdos indicados e a realidade dos estudantes, colocando em debate o fato de que as sociedades atuais são marcadas profundamente pelo fenômeno da concentração em aglomerados (Terra, 2012). No contexto da cidade, presenciam cotidianamente as dificuldades de acesso aos direitos básicos de moradia, educação, saúde, emprego, transporte, lazer e cultura. Investigar as raízes históricas destas questões contemporâneas, sendo estimulados, através da pesquisa, conhecer como em outros tempos e espaços, como os diferentes sujeitos sociais lidaram com problemáticas similares. O estudo das diferentes formas de organização dos movimentos sociais que reivindicam participação na tomada das decisões políticas em nosso país pode servir de estímulo para que exercitem sua cidadania plena. Para Terra, a coerência do trabalho com eixo-temático se efetiva quando partimos de um problema presente e colocamos aos estudantes questionamentos em outros contextos históricos.

Tendo como referência o currículo oficial, porém sem perder de vista a necessidade de adequá-lo ao número de aulas disponíveis e na apropriação do mesmo pelos estudantes, ultrapassando a dicotomia entre o que ensinar e o que aprender foi estabelecido o eixo-temático *Movimentos e Lutas Sociais na Nova República* e os temas e subtemas a serem

trabalhados bimestralmente foram assim distribuídas: no 1º semestre - **Ditadura Militar no Brasil e a Luta por Direitos**: contemplamos os estudos sobre o Governo de João Goulart e a construção do golpe de 1964; Os movimentos de resistência: estudantil, sindical e cultural; Mobilizações que contribuíram para a derrubada da ditadura e o processo de redemocratização. Para o 2º semestre - **A Luta pela Terra na Nova República: Presente e Passado** – estudamos o Conceito de Reforma Agrária; O que representa o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a União Democrática Ruralista (UDR); Os movimentos sociais de luta pela terra – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Via Campesina e Movimentos dos Atingidos por Barragens; A questão da demarcação de Terras para os Indígenas e Quilombolas; Reforma Agrária no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso e no Governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva.

No 1º semestre o levantamento de conhecimento prévio sobre o assunto foi feito a partir da matéria publicada no Jornal Folha de São Paulo (fev. 2012) sobre a ação do fotógrafo Silvaldo Leung Vieira. Após a leitura e debate sobre o que os estudantes haviam entendido, foi solicitada a construção de um artigo de opinião sobre o argumento de suicídio apresentado no contexto da ditadura militar como justificativa para a morte do Jornalista Wladimir Herzog.

Na sequência os estudantes, após assistirem o documentário Jango de Silvio Tendler (1984), foram orientados a observarem o papel do indivíduo na história, identificarem os diferentes discursos sobre o acontecimento histórico e o cenário político e econômico nacional e internacional, em que ocorreu a deposição do Presidente João Goulart em 31 de Março de 1964 marcando o início do Regime Militar no Brasil.

A utilização de livro didático de história de Flávio Berutti - Caminhos do Homem volume 3 (2010), como mais um recurso didático, colaborou para o leitura de diferentes fontes para o estudo da história, como charges, depoimentos, fotografias, letras de músicas, mapas e textos complementares como o do historiador Boris Fausto (1995) sobre as “reformas de base” que sinalizaram manifestações contrárias ao governo de Goulart, por gerarem uma crise política e econômica.

A audição e análise das letras das músicas de Belchior - Apenas Um Rapaz Latino Americano, João Bosco – O Bêbado e a Equilibrista, Ivan Lins – Cartomante, Chico Buarque – O que Será, Roberto Carlos – Debaixo dos Caracóis dos Seus Cabelos, Caetano Veloso – Panis et circenses, Chico Buarque – Apesar de Você, serviram para traçar relações entre o contexto histórico em que elas foram compostas e as medidas de ordem social e política propagada pela república. As letras denunciavam, velavam ou revelavam das perseguições sofridas por seus compositores e intérprete e todos os que ousaram lutar contra o regime autoritário, ajudou na compreensão da situação do Brasil nesta época. O estudo do meio concretizado a partir da visita ao Memorial da Resistência de São Paulo e à Mostra Lugares da Memória, com o objetivo de propiciar aos estudantes o contato direto com um lugar de identificação de histórias e memórias da cidade e do Estado de São Paulo, que se interage com aspectos da história nacional. Como podemos perceber na avaliação que a estudante Jaqueline Ferreira expressou - “antes ouvia falar desses lugares e não tinha ideia de sua história. O que se passou por ali. E agora o que muda é que quando ouço falar nesses lugares não tenho mais um olhar de indiferença”-<sup>3</sup>.

O contato com elementos de uma realidade em sua complexidade e na interação com os estudos realizados em sala de aula pode tornar mais agradável o assunto a ser aprendido como revelou a estudante Larissa Ferreira, em suas observações sobre a visita ao Memorial da Resistência, ao afirmar que, “foi muito importante não só para ela, mas para todos que foram. Que aprendi muito sobre a ditadura militar, que antes era um assunto muito chato para mim”<sup>4</sup>.

Entendo a ação de propiciar aprendizagens significativas para os estudantes, como princípio e finalidade de nosso trabalho. Quando conseguimos concretizar esta intencionalidade encontramos sentidos nos damos por satisfeitos momentaneamente, pois sabemos que mais trabalho está por vir para que possamos manter e ampliar a qualidade do que ensinamos na busca constante por entender como os estudantes aprendem.

---

<sup>3</sup> Jaqueline Ferreira. Estudante da 3ª série do Ensino Médio. Avaliação do trabalho realizado. 2012.

<sup>4</sup> Larissa Cassine. Estudante da 3ª série do Ensino Médio. Avaliação do trabalho realizado. 2012.

O longa metragem “Quase Dois Irmãos” de Lucia Murat (2004), os estudantes foram convidados a pesquisarem a ficha técnica do filme e o contexto dos anos 70, caracterizado como “Anos de Chumbo”, as questões em torno da lei de segurança nacional e o milagre econômico, utilizando como apoio textual um fragmento da obra A Ditadura escancarada de Elio Gaspari (2002). Foram selecionadas algumas cenas para discussão do conceito de preso político e preso comum, o apoio das famílias aos presos políticos, os momentos de sociabilidades e as situações de preconceito racial e social. A publicação nos meios de comunicação impresso (jornais) da não existência de presos políticos no Brasil e as diferentes formas de violência praticada entre os diferentes personagens, ajudou na identificação dos diferentes discursos sobre o regime.

Para concluir os estudos, a exibição e discussão do Documentário Vala Comum dirigido por João Godoy (1994), retomou a atividade de estudo do meio, visita ao Memorial da Resistência de São Paulo, e a problematização em torno do direito à memória.

Retomando o texto de Boris Fausto sobre as reformas de base e introduzindo a análise de duas fontes históricas – a reprodução da pintura Retirantes (Portinari, 1944) e a charge Enxadas Paradas/Inchadas Paradas (Beraldi, 1998), tendo a Luta pela Terra na nova República e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como objetos de investigação histórica. Após a análise das fontes, potencializou a relação entre presente –passado, campo-cidade na ocupação e uso da terra. Os estudantes aprenderam que a terra precisa, seja ela no campo ou na cidade cumprir sua função social. Foi solicitado aos estudantes que juntamente com suas famílias, respondessem um questionário com o objetivo de inicialmente coletar dados e reflexão sobre o que eles e suas famílias, conheciam e pensavam sobre o MST. Este conhecimento prévio foi utilizado pelos próprios estudantes para a construção de suas releituras na conclusão do trabalho. O estudo do meio, como recurso didático, mais uma vez se fez presente, por meio de uma visita ao assentamento Comuna da Terra Pr. Tomás Balduino. A preparação para a visita foi realizado através de pesquisas no site oficial do MST, da exibição e análise da reportagem do Jornal Nacional da TV Globo, intitulada “terrorismo rural: MST destrói pés de laranjas de fazenda em SP.” Postada no youtube em 06 de outubro de 2009.

As discussões sobre a luta pela terra para os povos indígenas foram trabalhadas a partir do documentário sobre “Belo Monte, Anuncio de uma guerra”. Um roteiro de análise do documentário, associado à análise de matérias publicadas sobre a Rio+20, contribuíram para a reflexão sobre as representações produzida pela mídia sobre os indígenas e as lutas e resistências de diferentes povos indígenas pela garantia de seus territórios. Neste momento, a escola estava inserida no subprojeto sobre História e Cultura Indígena na escola. E eu estava fazendo parte do grupo de estudo promovido pela Profa. Dra. Antonia Terra sobre a temática. Os estudos no PIBID me ofereciam suportes para a construção de sequências didáticas com situações de aprendizagens onde os estudantes pudessem participar ativamente.

Sentindo a necessidade de dialogar com outros campos do conhecimento, como a filosofia e a sociologia, procurei os colegas destas áreas e apresentei o projeto de trabalho que estava em curso e os mesmos aceitaram contribuir mediando o entendimento dos estudantes sobre como são construídos os diferentes discursos sobre o movimento dos trabalhadores rurais sem terra. E refletissem sobre o quanto a complexidade do viver contemporâneo tem nos inserido em alguma luta. Seja ela por educação, saúde, transporte, emprego, moradia, etc.

A avaliação se efetivou durante todo o processo de execução dos trabalhos. A cada encontro semanal (sendo duas aulas de cinquenta minutos) fazíamos a retomada do que tinha acontecido no encontro anterior. O caderno de bordo como instrumento de registro e avaliação foi indispensável para as atividades no ambiente escolar e em situações de estudo fora da escola (visita ao memorial e ao assentamento). Os estudantes foram convidados a registrarem todas as suas impressões sobre a dinâmica das aulas, os conteúdos, as pesquisas e até mesmo nossas dificuldades com o uso da tecnologia.

O envolvimento dos estudantes na elaboração do roteiro de observações e entrevistas para o estudo do meio (visita ao assentamento) contribuiu para o desenvolvimento de laços de amizade entre eles, demonstração de afeto e reconhecimento pelo trabalho que desenvolvemos. A participação do monitor da sala de informativa Bruno Macedo, estudante período noturno e cumpre o estágio no período da manhã foi primordial, separando os links para a pesquisa na sala de informática, na exibição de filmes, no

trabalho de campo, contribuindo nas entrevistas com as lideranças do assentamento e na apresentação do trabalho na PUC-SP.

A grande aquisição que está registrada nos trabalhos que eles produziram foi a mudança de concepção sobre o movimento dos sociais de luta pela terra.

Através do projeto os estudantes despertaram o prazer pelos estudos. Sentindo-se motivados, tornaram-se mais responsáveis em seus estudos, procurando serem assíduos nas aulas, pontuais e envolvidos na realização e entrega das tarefas.

*(...) Meu avô afirmava sempre: se o momento atual não fosse bom, não se chamaria presente. (MUNDURUKU,2009,p.50)*

Diante de tantas questões que a escola contemporânea tem nos colocados, dificilmente, em um primeiro olhar, concordaríamos com a reflexão de Munduruku sobre o tempo presente. Ao revisitarmos nossa própria prática, entendemos que o presente com todas as suas contradições, tem propiciado momentos ímpares para a educação escolar no tange a formação inicial e continuada de professores/as. Podemos contar com uma gama de publicações como os de Abud (2007), Bittencourt (2008), Cabrini (2005), Ciampi (2000), Karnal (2012), Napolitano (2011), Terra (2012), Toledo (2011), Vasconcelos (2003), tem procurado entender, valorizar, apoiar, dialogar e auxiliar a/o professor/a na prática de seu ofício.

O convite para sociabilizarmos nossa experiência com professores em formação inicial do curso de História da PUC-SP feito pela Profa. Dra. Helenice Ciampi, expressa esta crença na escola e no trabalho docente. Contribuiu para a autoestima dos estudantes e da professora. O objetivo de sociabilizar a experiência de aprender e ensinar história na escola pública foi recebido como um presente. Gerou otimismo e crença de que na escola pública contemporânea é possível realizar um trabalho consistente quando nos tornamos sujeitos ativos, construtores de nossa própria história.

Nosso trabalho conseguiu ultrapassar os limites da escola e em diálogo com outros espaços de aprendizagem, trouxe novos horizontes para os estudantes e a professora. A riqueza da experiência de sair da escola para apresentar um trabalho realizado com

muita qualidade não será esquecida. No retorno era visível a satisfação quando relatavam para os colegas o que haviam vivido.

O convite feito pela Profa. Dra. Antonia Terra, para a participação da escola no PIBID, é outra demonstração desta crença na escola pública e no fortalecimento da formação inicial, também intervindo na formação continuada. Os bolsistas na escola, levantando representações junto aos estudantes e professores, pesquisando na sala de leitura os materiais existentes para auxiliar os/as professores/as no trabalho com a temática, a “aula magna” de abertura do ano letivo 2013, proferida pela Profa. Antonia Terra chamou atenção das assistentes pedagógicas, que se estiveram presentes no evento, e pode ser lido como um sinal de que a escola passou a ter visibilidade. Os projetos contribuíram significativamente com a escola de forma interna, para a elevação do rendimento escolar nas áreas de ciências humanas e de códigos e linguagens. Na diminuição dos índices de ausência na disciplina de história bimestralmente e de reprovação no final do ano letivo. O registro destas ações e a melhoria dos resultados dos estudantes nas provas do SARESP também podem ser um indicador da saída da mesma do baixo IDESP no olhar externo para a escola.

O que produzimos, destaca entre outros aspectos, a importância de viabilização um currículo que traga sentido para o processo de aprendizagem e ensino, para que os estudantes possam entender a sociedade em que vivem e que estes junto com seus professores sintam-se protagonistas de saberes e práticas transformadoras de suas realidades vividas e compartilhadas.

## **Bibliografia.**

Abud, Kátia Maria. A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas. Ana Maria F.C. Monteiro, Arlette Medeiros Gasparello, Marcelo de Souza Magalhaes, organizadores. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

Berutti, Flávio. Caminhos do homem. Volume 3. História. Ensino Médio: Livro do Professor. Curitiba, Paraná: Base Editorial, 2010.

Bittencourt, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008. 2ª edição.

Brito, Edson Machado. A Educação Karipuna do Amapá no Contexto da Educação Escolar Indígena Diferenciada na Aldeia do Espírito Santo. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

Ciampi, Helenice et. al. Ensino de História. Revisão Urgente. São Paulo: EDUC, 2005. 3ª edição.

\_\_\_\_\_. et al. \_ O currículo bandeirante: a Proposta curricular de História no estado de São Paulo, 2008. Revista Brasileira de História. Repúblicas. ANPUH, vol.29, nº 58, jul-dez., 2009. p.361-382.

Gusmão, Emery Marques. Memórias de quem ensina história: Cultura e identidade docente. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

Karnal, Leandro. Conversas com um jovem professor. São Paulo: Contexto, 2012.

Montellato, Andrea Rodrigues Dias. História Temática: o mundo dos cidadãos, 8ª série/Montellato, Cabrini, Catelli. – São Paulo: Scipione, 2000. – (Coleção História Temática).

Napolitano, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Editora Contexto, 2011. 5ª edição.

Paim, Elison Antonio. Do formar ao fazer-se professor. In: Ensino de história: saberes e práticas. Ana Maria F.C. Monteiro, Arlette Medeiros Gasparello, Marcelo de Souza Magalhaes, organizadores. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

Pinsky, Carla Bassanezi. (Org.) Introdução. Novos temas nas aulas de história. São Paulo: Contexto, 2009.

Pinsky, Jaime. Pinsky, Carla Bassanezi. O que e como ensinar. In: História na sala de aula: conceitos, prática e propostas. São Paulo: Contexto, 2004, pp17-36.

Reis, Daniel Aarão. Ditadura Militar, esquerdas e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Terra, Antonia. Histórias das Cidades Brasileiras. Coleção como eu ensino. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

Toledo, Maria Aparecida L. Tursi (Org.) Ensino de História: Ensaio sobre questões teóricas e práticas. Maringá: Eduem, 2011.

Vasconcelos, Geni A. Nader (Org.) Como me fiz professora. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 2ª edição. .

### **Documentos Oficiais:**

Caderno do Professor e do Aluno - Currículo Oficial do Estado de São Paulo. SEE/SP, 2008.

Ensinar Pra Valer! Módulo 3. Classes de Aceleração. FEDE/Diretoria de Projetos Especiais. São Paulo: SEE, 1998.

Ensinar e Aprender: Construindo uma proposta. História. Vol.1. CENPEC. 1998.

Projeto: Conversas de Escola. 2012. <http://www.acaoeducativa.org.br/>